



ENTREVISTA

“Foi neste processo que me tornei um divulgador da sociologia para o Ensino Médio”

Entrevista com Nelson Dácio Tomazi¹

Entrevistador: Thiago Ingrassia Pereira²

Cadernos da ABECS: Por favor, nos conte sobre sua trajetória formativa: a entrada na área de ciências sociais, o interesse pelas questões da educação e as experiências docentes e de pesquisa.

Tomazi: Sempre costumo dizer que sou da geração 68, com todas as possibilidades que esta geração criou e com todos os problemas decorrentes daquele momento, que ainda estão presentes no nosso dia a dia.

Nasci numa cidade de Santa Catarina – Caçador – em 1945, ou seja, sou da primeira metade do século passado. Minha formação começa numa escola pública, em Caçador, onde fiz o *primário* (quatro anos – hoje fundamental I). Depois fiz o *ginásio* (quatro anos – hoje fundamental II) num Colégio Marista, pois não havia este nível em escola pública. Posteriormente, em Curitiba fiz o colegial (hoje ensino médio). Nestes anos aprendi muito, pois além de aprender ler e escrever tivemos muitas disciplinas em muitos anos seguidos, por

¹ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (1972), mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Assis (1988) e doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (1996). Foi professor de Sociologia, Ciência Política e Metodologia e Técnica de Pesquisa na Universidade Estadual de Londrina e na Universidade Federal do Paraná na graduação e pós-graduação. Atualmente é professor aposentado dedicando-se a escrever e implementar ações que visem a efetiva implantação com qualidade da sociologia no ensino médio. Tem experiência na área de Sociologia, de Metodologia e Técnicas de Pesquisa, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia, ensino de sociologia, ensino médio, ciências sociais e história. Entrevista realizada em abril de 2017.

² Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais (IFCH/UFRGS), Mestre e Doutor em Educação (PPGEDU/UFRGS). Professor da Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Erechim - RS). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH). Presidente da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS).

exemplo, latim (7 anos), língua e literatura portuguesa e brasileira (7 anos) inglês, francês e espanhol (7 anos), além, é claro, matemática, química, física e biologia e outros tantos conhecimentos (p. ex. canto orfeônico, entre outros) que até hoje estruturam a minha forma de pensar e ver o mundo.

Como sou de família evangélica – metodista – uma das alternativas de ascender socialmente, na visão da época (pensando hoje) era a carreira eclesiástica ou militar (meu irmão seguiu a carreira militar) e assim fui para a Faculdade de Teologia de Rudge Ramos em São Paulo. Apesar de curto o período que lá fiquei foi muito importante, pois aprendi a estudar e a ver a necessidade dos estudos históricos no entendimento da vida social, além, é óbvio, conhecer o grego e hebraico antigo que estruturavam o texto bíblico. Foi curto porque iniciei em 1967 e já em meados de 1968, os estudantes ocuparam a Faculdade em busca de mudanças significativas na sua estruturação. Resultado: a instituição mantenedora fechou a Faculdade naquele ano e só alguns professores e alunos puderam voltar no ano seguinte. Eu não.

Em 1969 iniciei meu curso de licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná (UFPR) que terminei em 1972, ou seja, em pleno momento mais terrível da ditadura civil-militar no Brasil. A minha formação na universidade foi uma calamidade, com poucas e honrosas exceções entre os professores. Poderia dizer que, em termos de sociologia somente uma professora marcou a minha formação (Lia Zanota Machado, hoje professora de antropologia na UnB) que durante um semestre nos deu as grandes linhas do pensamento sociológico clássico e isso me orientou para a vida acadêmica até hoje. Aprendi muito mais o que não fazer e não ler, e talvez por isso, procurei junto com alguns amigos, outras leituras que sustentassem o que pensávamos e o que queríamos. É necessário dizer que o acesso a livros era difícil e às obras dos clássicos mais ainda. Mesmo assim formamos um grupo de estudos que líamos o que melhor se nos apresentava, normalmente, contra o que os professores ensinavam em sala de aula. Mas foi nesta época que aproveitávamos tudo o que aparecia. Dois cursos de uma semana, com o professor Maurício Tragtenberg, nos deram uma excelente visão de Max Weber e de Karl Marx por tabela. E outro curso, com então jovens professores da USP, Gabriel Cohn, José de Souza Martins, entre outros, nos indicaram caminhos importantes para futuras leituras, bem como posições teóricas e metodológicas mais claras. Portanto, éramos algo parecido com um radar captando tudo o que podia acrescentar algo em nossa formação.

Posteriormente, quando fui professor na Universidade Estadual de Londrina (UEL) por trinta anos, tive que ler muito sobre tudo de Sociologia para ministrar aulas nos mais diversos cursos em que a sociologia estava presente. *Introdução à sociologia* para muitos cursos, mas

também disciplinas específicas como *sociologia urbana*, *sociologia rural*, *sociologia da educação*, *sociologia da burocracia*, *sociologia da comunicação*, *sociologia da saúde*, *sociologia e literatura*, *sociologia e história*, até o último, que foi *sociologia do esporte*. Para o curso de Ciências Sociais, foram *sociologia do desenvolvimento*, *teoria sociológica* e *metodologia e técnica de pesquisa*, além da disciplina inicial de sociologia por muitos anos. Durante alguns anos ainda ministrei aulas de Ciência Política. Este período foi um curso de formação ampliado, muito pela necessidade de preparar aulas e ministra-las. Assim, fui formando um universo de conhecimento amplo, o que permite até hoje migrar para diferentes áreas do pensamento sociológico e conhecer muitos autores que depois fui me aprofundando cada dia mais. A leitura dos clássicos foi sempre uma constante e quase uma obsessão, pois o ensinamento dos poucos mestres anteriores sempre estava muito claro: conhecer sociologia é conhecer seus clássicos. Os outros autores virão depois.

Quando fui fazer mestrado na USP, em 1982, pude ter professores como Azis Simão, Francisco Weffort, Lucio Kowarick, entre outros. Estando em São Paulo, fiz também dois cursos semestrais (fora do programa da USP) na PUC-SP, com Octavio Ianni e Florestan Fernandes, que naquele momento ministravam aulas por lá, além de ter contato mais direto com Maurício Tragtenberg que residia próximo onde eu morava. Só estudava, e este momento foi fantástico, pois coroava uma formação e, assim, conseguia entender o que era a sociologia e suas múltiplas possibilidades.

Não pude concluir o mestrado na USP, pois não tinha condições financeiras para viver em São Paulo, sem bolsa de estudos. Em menos de dois anos voltava a Londrina. Voltei à UEL e continuei ministrando aulas, até que surgiu a possibilidade de terminar o mestrado, pois a UNESP-Assis, aceitava os créditos que havia feito, e em um semestre concluí outros e terminei a minha dissertação na área de história com um tema regional sobre a Companhia de Terras Norte do Paraná. Anos após, e aproveitando a experiência na área de História, resolvi fazer o meu doutorado na mesma área, agora na UFPR. Depois de quatro anos de muita leitura e pesquisa concluí a tese de doutorado sobre a (re)ocupação das terras ao norte do estado do Paraná, focalizando os discursos existentes que silenciavam a violência ocorrida neste processo.

Mas durante todo este tempo de conclusão do mestrado e do doutorado não me distanciava da sociologia, pois neste período escrevi junto com vários colegas o primeiro livro de sociologia para o ensino médio e durante o doutorado ainda escrevi um livro de sociologia da educação.

Esta relação entre história e sociologia sempre esteve em minha formação, pois ainda na graduação havia lido um livro (que recomendo a todos os alunos e professores que não o leram) - *Ciências Humanas e Filosofia: o que é a Sociologia* - de Lucien Goldmann, onde ele afirma algo que está presente até hoje no que falo e escrevo: “*A sociologia não pode ser concreta se não for histórica, do mesmo modo, a história, se pretender ultrapassar o simples registro dos fatos, tornar-se-á necessariamente explicativa, a saber, numa medida maior ou menor, sociológica*”.

Terminado o doutorado estava mais livre para seguir o que mais me interessava, o estudo e a pesquisa em sociologia, agora muito mais voltada para o ensino dela na escola média. A pesquisa desenvolveu-se muito mais na área de recursos didáticos e na escrita para alunos não da universidade, mas da escola média. Foi neste processo que me tornei um divulgador da sociologia para o ensino médio, andando pelo Brasil todo ministrando oficinas, palestras, conferências e participando, a convite, de muitos eventos.

A preocupação com a educação, talvez venha desde os meus pais, que apesar de semialfabetizados, sempre fizeram tudo para que os seus filhos estudassem, pois acreditavam que a educação era fundamental. Quando entrei nos estudos superiores, a questão educacional estava na pauta nacional, afinal eram os anos sessenta (do século XX), e mergulhávamos constantemente nesta questão. Não se podia fugir dela e assim líamos tudo o que aparecia. Mesmo com o golpe militar de 1964, esta é uma questão que ninguém podia se furtar. Além dos escritos de Paulo Freire, na sociologia Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Luiz Pereira, Marialice M. Foracchi e outros tantos escreviam e debatiam este tema. Ademais, sempre tinha em meu horizonte que queria ser professor. Graduei-me na licenciatura em Ciências Sociais em dezembro de 1972 e em fevereiro de 1973 já estava ministrando aulas numa Faculdade particular em Curitiba. Desde então, nunca deixei de ser professor e a estudar constantemente a sociologia da educação.

CADERNOS DA ABECS: Fale-nos sobre sua construção como autor de livro didático de sociologia para o ensino médio.

Tomazi: Todo livro tem uma história e muitas vicissitudes. Em 1991 fui convidado pela Editora Atual, indicado por minha amiga de departamento, a antropóloga Kimiye Tommasino, para escrever um livro de sociologia para o ensino médio. Como nunca tinha pensado em escrever um livro e muito menos para o ensino médio, convidei mais cinco professores do departamento de ciências sociais da UEL para realizar tal façanha, sob minha coordenação. Tomamos por

230

base uma proposta da CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas) de São Paulo e começamos a discutir o projeto. Feito isso, começamos a escrever cada um a sua unidade. Depois de um ano e meio, após muitas reuniões para ver e discutir o que estávamos produzindo, terminamos a primeira versão. No último trimestre de 1993 o livro foi lançado com o nome de **Iniciação à Sociologia**. Era um livro escrito por seis professores universitários com pouca experiência em ensino médio. Formávamos licenciados em ciências sociais (professores de sociologia), mas pouco contato se tinha com este nível de ensino. Por isso, penso hoje, que este livro servia muito mais aos professores do ensino médio do que aos alunos, tanto que foi por muito utilizado, para aulas nos cursos iniciais da universidade. A linguagem ainda era muito acadêmica. Assim começou a minha trajetória como autor de livro didático.

Posteriormente, a mesma editora solicitou-me que escrevesse um livro sobre sociologia da educação em linguagem acessível. Ele foi publicado em 1997 (quando escrevia a minha tese de doutorado), nele consegui uma linguagem mais própria, melhorando um pouco o anterior.

A partir de então fui me envolvendo mais com a questão da sociologia no ensino médio, sendo convidado a fazer palestras e oficinas em muitas cidades do país, pois a sociologia estava despontando em muitos estados. Estive desde o Rio Grande do Sul, passando por Minas Gerais, até o Pará. Estas andanças deram-me uma visão mais ampla das potencialidades e dos problemas que envolvia o ensino da sociologia no ensino médio.

Em 2005, a Editora Atual procurou-me para escrever um livro de sociologia, agora sozinho, pois havia a necessidade, na visão da editora, de ter uma estrutura mais uniformizada na construção do livro. Como desde o primeiro livro estive me envolvendo cada dia mais no estudo sobre o ensino médio e tendo como base as experiências vividas em muitos lugares deste país, aceitei o desafio e comecei a trabalhar num livro com outra estrutura de escrita e de apresentação. Este novo livro com o título **Sociologia para o Ensino Médio** foi publicado em 2007. Havia, portanto, me estabelecido como autor de livro didático. Entretanto continuava, durante todo este período sendo professor na UEL, nas disciplinas de *sociologia e metodologia e técnica de pesquisa*.

Depois de aposentado (já faz mais de dez anos) continuei a escrever e batalhar pela inclusão da Sociologia no ensino médio de forma definitiva e para isso participei de muitas reuniões e eventos pelo Brasil, além é óbvio, de continuar a atualizar o livro **Sociologia para o Ensino Médio**. Nesta fase ainda participei na elaboração das Orientações Curriculares Nacionais – OCNs Sociologia e também de um curso de especialização para professores de sociologia do ensino médio a cargo da CAPES.

Cadernos da ABECS: Considerando a repercussão de seu livro didático na área, quais pontos fortes da obra poderiam ser destacados? Quais pontos poderiam melhorar em futuras edições?

Tomazi: Depois de tanto tempo, analisar uma produção de livros é como olhar para trás e analisar alguns filhos que cresceu e ver todos os momentos anteriores. Como disse acima, nunca havia pensado em escrever um livro, mas agora já escrevi vários. Olhando hoje percebo que o primeiro livro, **Iniciação à Sociologia**, era um livro mais apropriado aos professores do ensino médio e que foi muito utilizado por professores para ministrar aulas nos cursos de Introdução à sociologia nas universidades.

O segundo livro, **Sociologia para o Ensino Médio**, possui uma estrutura diferente e atende bem mais aos alunos deste nível, mas mesmo assim, penso que é um projeto que ainda tem por base uma visão acadêmica da sociologia para a escola média. É bom, porque introduz o aluno nos clássicos da sociologia e em alguns autores contemporâneos com temáticas bem tradicionais na literatura sociológica. É, pois, um manual que atende aos interesses dos professores licenciados em ciências sociais, que são minoria nas escolas. Atende também os professores licenciados em história, que ministram aulas de sociologia, pois tem uma forte fundamentação histórica em todos os temas abordados. Além disso, penso que os alunos conseguem perceber que a sociologia lhes permite ver o mundo com outros olhos, menos ingênuos, e que lhes dá algumas ferramentas para pensar o seu cotidiano e entender algumas coisas além do senso comum.

O ponto forte deste livro é que possui uma estrutura que se repete em toda a sua extensão. A repetição é importante, pois o professor sabe como o livro é estruturado e o que encontrará em cada uma das unidades que são divididas em capítulos. A estrutura das Unidades obedece a uma lógica que é apresentar o tema proposto, fazer uma abordagem sociológica ao tema na qual sempre estão presentes os nossos clássicos e também sempre alguns autores contemporâneos e apresentar uma discussão sobre o tema no Brasil. Em todo o livro há muitos excertos de textos dos autores, pois pensamos que é fundamental ao aluno ter acesso a eles diretamente. No final de cada capítulo há textos de cenários do mundo contemporâneo, além de materiais para o aluno, com a ajuda do professor, refletir sobre a temática abordada. Complementando, há um apêndice sobre a história da sociologia. Outro ponto forte é o Manual do Professor, onde encontra subsídios teóricos para o ensino da sociologia, bem como orientações para utilização de cada texto utilizado no livro. Há também muitas indicações de livros e outros materiais que poderá utilizar no seu trabalho em sala de aula.

A 5ª edição deste livro, que está sob análise para o PNLD 2018, agora já vem com a contribuição do professor da UEL, Marco Antonio Rossi, como co-autor, pois afinal, depois de mais de 20 anos, é necessário um pouco de renovação. Nesta edição, que em breve estará à disposição de todos, houve algumas alterações. Agora são nove Unidades com quatro capítulos em cada uma delas. Assim, incluímos um capítulo sobre *identidade* na Unidade 1 (que faltava nas edições anteriores) e incluímos nas Unidades seguintes uma discussão sobre o que está acontecendo na contemporaneidade em cada tema. Além disso, dividimos a Unidade *Cultura e Ideologia* em duas outras: *Cultura e diversidade cultural* e *Ideologia e indústria cultural*. A novidade maior foi a criação de uma unidade específica sobre *Religiões e religiosidades*, mantendo sempre a mesma estruturação anterior. Penso que será a última edição, pois com a publicação da BNCC, deverá haver uma mudança significativa nas temáticas a serem abordadas e também na forma de abordar as questões sociológicas.

Novo livro deverá ser escrito. A perspectiva agora é criar uma nova abordagem sociológica para o ensino médio, pois nestes quase 25 anos, a realidade brasileira e mundial mudou muito. Por isso penso que o próximo livro, depois desta 5ª edição, deverá ser bem diferente, pois os nossos alunos do ensino médio também mudaram muito e as tecnologias da informação, com seus aparatos tecnológicos, que andam nas mãos de cada um deles, significam uma possibilidade de informação rápida que não havia anteriormente. Penso que a preocupação deverá se centrar muito mais em possibilidades de orientação para utilizar a informação existente do que ensinar o conteúdo propriamente dito. Mas esta é uma tarefa que exige muita pesquisa e reflexão sobre este momento e os que virão com outras tantas transformações.

CADERNOS DA ABECS: Qual a sua experiência em entidades científicas da área de ciências sociais? O que pode nos falar sobre as potencialidades da ABECS?

Tomazi: Na minha vida acadêmica participei de apenas duas organizações científicas: A Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), e agora participo de outra: A Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS).

A participação na SBS se deu no contexto da discussão sobre a presença da sociologia no ensino médio. Participei de muitos congressos e eventos nacionais, regionais e locais. Aprendi muito, pois consegui ouvir muita gente neste Brasil imenso. Quando se esgotaram as possibilidades de se ampliar a participação dos professores de sociologia, principalmente do ensino médio, além dos congressos, resolvi sair e me desligar. Foi aí que surgiu a ideia de se criar uma associação nacional que focasse somente o ensino das ciências, igual a outras

organizações de ensino de outras áreas e disciplinas. Daí surgiu a ABECS, que está começando, mas que deverá crescer muito.

Sobre as potencialidades da ABECS há muita coisa para fazer. Organizar-se nacionalmente, mas também regional e localmente. Penso que hoje já temos uma organização nacional funcionando bem, pois há um site, eventos aqui e ali, uma revista que logo estará no ar, enfim, uma estruturação que vai se consolidando pouco a pouco.

O desafio será formar uma rede de interação entre os professores dos diferentes níveis escolares para conseguir uma discussão, presencial e digital, de tal forma que o fluxo de informação seja constante. Neste sentido, penso que a formação de grupos regionais e locais, através da internet, nas múltiplas possibilidades que ela possibilita, é uma necessidade urgente, pois assim os professores e alunos poderão se conectar e interagir além dos momentos de palestras, aulas, oficinas e eventos. Mas isso não exclui a necessidade do contato físico, presencial dos participantes neste processo. Nem tudo é virtual, ainda. Por isso, a necessidade de se criar as UR –Unidades Regionais – pelo menos uma em cada estado, onde se possam discutir e levantar as questões em cada região.

Penso ainda, que a ênfase deva ser dada na formação de professores, ou seja, no ensino da graduação nas universidades. No meu entender a graduação está abandonada nas universidades brasileiras. Com o advento das pós-graduações e com a implantação do Currículo Lattes, pouco a pouco, as graduações foram sendo deixadas de lado e as licenciaturas, que sempre foram vistas como marginais no processo, passaram a ser mais ainda, mesmo que o licenciado tenha o maior espaço de trabalho existente para os graduandos em Ciências Sociais. Assim, desenvolveu-se uma “cultura acadêmica” que não existe vida fora do Currículo Lattes e a pós-graduação é tudo o que importa. Desde cedo o aluno é encaminhado para fazer o seu Currículo Lattes e é isso o mais importante. A sua formação (no sentido da *Bildung* para T. Adorno) não é levada em conta. Há uma espécie de mercantilização do saber, onde o que importa é a pontuação naquela plataforma, principalmente por parte dos professores universitários.

Concomitante a isso, e por sua causa, há uma corrida para programar eventos e participar deles, como se fosse algo muito produtivo. Não questiono a necessidade de eventos para discussão dos temas vinculados ao ensino da sociologia, mas desde que os mesmos tenham espaço para discussões e não somente para que haja falantes e ouvintes, isto é, apresentadores e ouvintes passivos, pois parecem, na expressão do Prof. Maurício Tragtenberg, um supermercado acadêmico onde cada um pega o que quer desde que pague a taxa correspondente.

Poucos são os eventos onde há espaço para se conversar e se conhecer. Por isso, sempre propusemos a abertura de espaços para a discussão em que todos os interessados possam se expressar. Uma forma de se fazer isso foi a criação dos Grupos de Discussão (GDs) tendo primazia sobre os Grupos de Trabalho (GTs). Estes são importantes, mas apenas para pesquisa consolidada e não para propostas de pesquisas.

A ABECS teria grande presença se tivesse como meta a discussão e a troca de experiências de ensino procurando dar espaço em seus eventos para que os professores e alunos se conhecessem mais. Temos que romper com este esquema que prioriza o Currículo Lattes. Há entre os professores das universidades, mesmo alguns questionando o produtivismo acadêmico, uma “servidão voluntária” em torno desta plataforma. Mesmo criticando-a aceitamos-na como inevitável, esquecendo-se que podem publicar seus artigos sem estarem na pós-graduação, pois afinal são as publicações que importam para pontuar naquela plataforma.

Se a ABECS quiser crescer e se consolidar, penso eu, deverá remar um pouco contra a corrente e se preocupar inicialmente com estes dois níveis: o da escola média, dando suporte aos professores que estão no chamado “chão da escola” e o ensino nas universidades no nível da graduação, principalmente na licenciatura, criando a possibilidade de formar docentes muito melhores do que hoje. No limite, propor a criação de cursos de licenciatura completamente diferentes do que temos hoje, ou seja, não atrelados ao bacharelado. Este será um desafio enorme, pois poucos estão interessados e desejam romper com as correntes que os prendem a um esquema curricular que tem mais de 50 anos.

Como luta, neste momento, penso, juntamente com vários companheiros, que a ação deve se concentrar nos estados da federação, pois afinal eles é que decidirão o que constará em cada ano do currículo da escola média. E isso é importante, pois apesar de haver uma BNCC nacional, 40% do currículo deverá ser decidido pelos Conselhos Estaduais de Educação.

Cadernos da ABECS: Qual a análise possível de ser feita do atual quadro de reformas proposto para o ensino médio? Quais as expectativas da área de ciências sociais nos currículos escolares?

Tomazi: Esta resposta é muito difícil, pois há a possibilidade de ter que ser meio profeta. Muitas são as possibilidades e as suas consequências. Todas as reformas do ensino brasileiro vieram de cima para baixo. O Estado sempre foi impositivo neste sentido. Mesmo que tivesse sendo discutida, em vários níveis, as reformas explicitam vários interesses em alguns casos e poucos em outros. A sociologia esteve sempre envolvida neste processo. Incluída e excluída sem muita discussão, a sua presença foi de uma enorme intermitência, conforme o professor Amaury C.

235

Moraes (USP), neste processo. Portanto, o que estamos vendo agora é mais um momento nesta caminhada.

A reforma do ensino médio foi aprovada e ainda em espera da definição da BNCC, já é nossa conhecida, há mais de dez anos. No governo de FHC ela quase foi aprovada e no governo de Lula ela despontou e no de Dilma esteve em andamento.

Esta reforma não está muita clara ainda, pois pode nem ser consolidada, pois até 2020, ano de sua possível implantação, haverá uma eleição para presidente da República, para dois terços do Senado, para toda a Câmara Federal e todas Assembleias Legislativas estaduais, o que significa uma possível mudança de rumos na política nacional e regionais. O que é claro é que ela foi promulgada visando os interesses das escolas privadas e não as públicas. Além disso, em termos da presença da sociologia, como das outras ciências humanas, tudo está dependendo da definição da BNCC.

A BNCC vinha sendo discutida nacionalmente em vários níveis e estava sendo, até recentemente, aberta e com ampla divulgação. Mas com o golpe jurídico-parlamentar-midiático esta discussão parou e hoje nos encontramos meio às cegas, pois está agora em comissões e gabinetes e pouco se divulga o que está sendo feito. Afirma-se que até o final deste ano de 2017 teremos uma definição e aí poderemos ver o que se apresenta como possibilidade para o ensino das ciências humanas. Penso que na pior das hipóteses, teremos uma configuração, nas ciências humanas, no qual os professores deverão ministrar aulas de conteúdos de várias disciplinas (história, geografia, sociologia e filosofia) na parte comum, com possibilidade de haver a separação na parte específica nos últimos semestres do ensino médio. Isso poderá dificultar um pouco, entretanto, hoje os professores já possuem uma prática de atuar em diferentes disciplinas, sejam eles formados em cursos diferentes. Há professores de sociologia que ministram aulas de filosofia e história e até geografia e outros de história que ministram sociologia e geografia e assim por diante.

Na melhor hipótese, serão mantidas as disciplinas como estão, pois afinal não há professores formados nesta perspectiva de uma visão interdisciplinar nas ciências humanas. O maior problema, penso eu, será implantar esta visão nas disciplinas de física, química e biologia. Se nós, das ciências humanas, temos até uma visão ampla de nossa área, mesmo que não um conhecimento específico, nestas outras disciplinas a questão se torna muito mais terrível, pois há pouco contato entre elas. Reações acontecerão também por parte das organizações científicas que envolvem o ensino das chamadas ciências da natureza.

Cabe aqui uma reflexão. Esta reforma já vinha sendo discutida, pelo menos há uns dez anos. Com o ministro Mercadante ela foi sendo encaminhada e, se pensarmos um pouco, nos mesmos moldes hoje criticados, ou seja, o ensino por áreas, sendo que uma parte comum e outra diversificada, sendo que as disciplinas ainda seriam as mesmas. Hoje a tal reforma continua no mesmo caminho só que as disciplinas desapareceram, ficando apenas português, matemática e inglês. Todas as outras sumiram e poucos sabem o que vai acontecer, pois afinal há apenas um pequeno grupo que está sabendo das coisas.

Sobre uma base nacional comum, no que se refere à sociologia, houve pouco debate entre os profissionais da área. Poucos são os artigos publicados e poucas as discussões nos eventos sobre ensino de sociologia. Só quando o Estado aparece novamente é que se começa a discutir a BNCC no formato traçado pela equipe do MEC. Nos dois casos, a reforma do ensino que já passou e a BNCC que virá, significam que haverá mudança no ensino da sociologia no ensino médio e ninguém sabe o que virá. O que houve foi uma discussão na rabeira do Estado e não como uma disposição livre dos sociólogos e professores envolvidos com o ensino médio. Qual seria a base comum nacional para a sociologia? A última versão da BNCC que foi publicada nos dá uma ideia de quanto foi pouco discutida pelos interessados pelo ensino da sociologia. Havia mais uma discussão entre quem era contra ou a favor da BNCC, mas não um debate em profundidade sobre uma base nacional comum.

Na melhor das hipóteses, esta reforma não será efetivada, pois ela seria apenas implantada em 2020. A BNCC depois de apresentada deverá ser aprovada pelo CNE e depois ir para os estados, onde seus conselhos de educação farão uma análise e ainda irão propor conteúdos regionais. Depois deverá chegar até as escolas para construírem seus projetos político-pedagógicos e voltar aos conselhos estaduais para sua aprovação. Ou seja, o caminho será longo e diversificado, podendo ser alterado neste trajeto. Além disso, há a falta de recursos financeiros e a perspectiva de que alguns governos estaduais não implantarem a reforma. Isso significaria que ela poderia estar presente em alguns estados e em outros não, afinal o ensino médio é constitucionalmente prerrogativa dos estados.

A indefinição neste quadro significa a necessidade e uma atenção redobrada para todos os seus desdobramentos, que poderão ser muitos e diversos. Não tenho clareza para o que virá, pois são muitas as alternativas e até é possível que haja uma diversidade muito grande no processo de sua implantação, se é que será efetivada.

Cadernos da AB ECS: O que poderia ser dito para estudantes de licenciatura em ciências sociais na atualidade? Vale a pena ser professor(a)?

Tomazi: Para responder a esta questão, sempre lembro que desde o início da década de 1940 até a de 1990, os cursos de licenciatura em ciências sociais continuaram formando professores de sociologia, sem que houvesse a presença da Sociologia no ensino médio. Ou seja, por mais de 50 anos não havia a preocupação se haveria ou não aulas de sociologia para continuar formando-se profissionais nesta área. Eu mesmo me licenciiei em 1972, na UFPR, e procurei alternativas na área de ensino e na de planejamento, que eram as possibilidades que se apresentavam para mim naquela conjuntura. Muitos outros fizeram trajetórias parecidas e outros se graduaram porque o conhecimento das ciências sociais os atraía para melhor pensarem a vida. Apesar dos tempos sombrios que se avizinham, penso que ser professor é apostar no futuro e que estaremos prontos para as mudanças que virão.

Desde que me graduei, sempre fui professor, apesar de exercer, em alguns momentos outras atividades profissionais como sociólogo. Gosto de ser professor, de estar em sala de aula conversando e discutindo com alunos. Prefiro conversar a escrever. Por isso tenho poucos artigos publicados. Escrevo apenas o necessário. Por isso, sempre digo que ser professor é onde me realizo, onde me sinto bem. Estar com alunos e professores de qualquer nível é onde me sinto à vontade. Conversar, ouvir, debater e refletir sobre alguma questão, no calor da hora, sem preconceitos de qualquer tipo, é um momento fantástico, iluminado, pois é no debate que a sociologia caminha e avança.

Encontrar ex-alunos, e os tenho aos milhares, é sempre uma alegria. É a sensação de ter participado, de alguma forma, na formação de alguém. E isso é maravilhoso, pois nos deixa a sensação de dever cumprido e de que alguma coisa sempre ficou na lembrança de alguém. Posso morrer tranquilamente, por isso. Particpei na formação de muita gente, seja pessoalmente ou através dos livros, palestras e oficinas.

Vale à pena ser professor no sentido de participar da formação de indivíduos autônomos e esclarecidos, isto é, que podem andar com suas próprias pernas, pensar por si mesmos, ou seja, indivíduos que incorporaram em suas vidas a *imaginação sociológica*.

E finalmente, uma mensagem a todos os professores e futuros professores: o importante neste ofício é que devemos nos tornar supérfluos para os alunos, na medida em que eles devem se tornam homens e mulheres livres, sem a necessidade de ter sempre um tutor para dizer como devem viver, pensar e sentir. Este é o nosso grande desafio.

Recebido em: 07 de abril de 2017

Aceito em: 02 de junho de 2017

238